

**DESAFIOS NA SALA DE AULA  
AS HISTÓRIAS DOS ANTEPASSADOS COMO APORTE À CONSTRUÇÃO DE  
ALTERIDADE E EMPATIA**

**CHALLENGES IN THE CLASSROOM  
THE STORIES OF THE ANCESTORS AS A CONTRIBUTION TO THE  
CONSTRUCTION OF OTHERNESS AND EMPATHY**

Reginâmio Bonifácio de Lima<sup>1\*</sup>, Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio<sup>2</sup>, Arivaldo D'Avila de Oliveira<sup>3</sup>,  
Tavifa Smoly Araripe<sup>4</sup>, Vânia Nogueira de Oliveira Carmo<sup>5</sup>, Roberto Mamedio Bastos<sup>6</sup>, Luciana Vasconcelos de  
Oliveira<sup>7</sup>

<sup>1</sup>Professor EBTT de História da Ufac, Membro do GESCAM e do LEEHAp da Ufac; <sup>2</sup>Professora EBTT  
de Língua Portuguesa da Ufac. Membro do GESCAM; <sup>3</sup>Professor EBTT de Geografia da Ufac.  
Membro do GESCAM e do LEEHAp da Ufac; <sup>4</sup>Professora EBTT de Pedagogia da Ufac. Membro do  
GESCAM; <sup>5</sup>Professora substituta EBTT de Pedagogia da Ufac; <sup>6</sup>Pedagogo da Ufac; <sup>7</sup>Técnica em  
Assuntos Educacionais da Ufac.

\*Autor correspondente: e-mail: reginamiobonifacio@yahoo.com.br

**RESUMO**

Somos diferentes e isso é um fato. Nenhum ser humano é igual ao outro, nem por isso é melhor ou pior. Também aprendemos de forma diferente uns dos outros, e isso precisa ser levado em consideração. O que fazer em uma sala de aula onde há alunos surdo, com TDAH, com déficit de atenção e, ainda, vários que discutem e brigam por causa de suas raízes da família nuclear? E quando a escola é atrativa, mas a sala de aula é vista pelos alunos como localidade necessária a marcar território independentemente da existência do outro, o que fazer? No contexto dos procedimentos, elegemos a abordagem da Pesquisa-Ação, de Michel Thiollent, por ser este tipo de atividade social com base empírica que apresenta estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os professores e os alunos, representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo, ou seja, o aluno aprende fazendo e faz aprendendo. Acreditamos que a escola tem que se posicionar sobre isso, e foi assim que procedemos. Os professores não devem ficar isolados em sala de aula, é preciso montar estratégias para vencer os obstáculos. No caso do terceiro ano do Ensino Fundamental I do Colégio de Aplicação, o apoio mútuo e o dar as mãos deu certo e é sobre essa parceria para resolução de práticas conflituosas com empatia e alteridade que produzimos nosso relato de experiência.

**Palavras-Chaves:** Migrações; Superação; Transdisciplinaridade.

**ABSTRACT**

We are different and this is a fact. No human being is equal to each other nor is it better or worse. Each one learn differently and this needs to be taken into consideration. What to do in a classroom where there are students who are deaf, ADHD, and yet, several who argue and fight over their nuclear family roots? And, when the school is attractive, but the classroom is seen by the students as a necessary place to mark territory regardless to the existence of the other, what to do? In the context of procedures, we chose Michel Thiollent's approach to research-action because it is this type of social activity with an empirical basis that shows closer association with an action or with the resolution of a collective problem and in which teachers and students, representative of the situation or problem are involved in a cooperative or participative way which is the student learns by doing and acting. We believe the school has to position itself on that and this is how we proceed. Teachers should not be isolated in the classroom; strategies must overcome obstacles. In the case of the third year of elementary school of Colégio de Aplicação, the mutual support and the handshaking worked out well and it is about this partnership to solve conflicting practices with empathy and otherness that we have produced our experience report.

**Keywords:** Migrations; Overcoming; Transdisciplinarity.

**1. INTRODUÇÃO**

A alteridade é um tema muito presente na sala de aula. Os alunos são diferentes e, muitas vezes, vêm de localidades diferentes, com concepções diferentes, famílias diferentes. Tudo é novo e a sala de aula se torna o lugar da diversidade que ora é pleiteada como prazerosa, ora é vista como causadora de conflitos. No Estado do Acre, que é tido como o último rincão a compor a enorme colcha de retalhos brasileira, formado por seringueiros nordestinos, índios das mais diversas etnias, negros de várias nações, sírio-libaneses, centro-sulistas, e tantos outros, vem à tona a pluralidade que constrói o enorme mosaico acreano [1].

A diversidade sociocultural é espelhada em sala de aula. Em duas salas do terceiro e do quarto ano do Ensino Fundamental I do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre é perceptível essa variação. Isso se dá não apenas pelo fato de ser uma escola pública onde o ingresso se dá mediante sorteio, por ter alguns alunos que são filhos de migrantes ou de populações tradicionais, mas, principalmente pela diversidade escolar das práticas a serem problematizadas e superadas.

Ao acompanharmos a turma do terceiro ano, seguindo-os em sua jornada para o quarto ano, observamos que em uma mesma sala tínhamos um aluno surdo-mudo, um com TDAH, outro em que se tornava perceptível a suspeição de dislexia, além daqueles que tinham pais separados e, por isso, eram alvos de brincadeiras de mau gosto por conviverem com apenas um dos pais. O que fazer para resolver tamanho problema? Qual a perspectiva a utilizar para criar a percepção de que o outro é tão importante como a si mesmo. Que fazer com os alunos que entraram com disfunção idade serie? São indagações que permeiam o cotidiano do fazer em sala de aula.

O primeiro contato com a professora do terceiro ano do Ensino Fundamental I, se deu na sala da Coordenação Pedagógica do Colégio. Havíamos ido fazer o planejamento de atividades de ensino com a coordenação. Na ocasião, a professora contou da dificuldade que tinha em sua sala pela pluralidade de alunos, discorrendo que em sua turma há um aluno surdo [2], um aluno com TDAH [3], alguns com traços indígenas outros com traços negros que sofrem brincadeiras de mau gosto por isso, quatro alunos em nível de letramento pré-silábico e outros seis que sofriam por viverem apenas com o pai ou com a mãe.

Em seu relato, acrescentou que o quadro apresentado se reflete em atos comportamentais que ora se tornam conflituosos ora se fazem motivos de desavenças entre os alunos. Refletimos sobre as questões postas e, sobre a diversidade da população acreana que tem em sua formação a heterogeneidade de populações andantes, o que torna evidente a diversidade e a complexidade

da população que se reflete em sala de aula. Marcamos planejamento conjunto e assim o fizemos [4].

Pensamos em construir um projeto que englobasse a valorização do outro e de si, o resgate das origens ancestrais e o respeito a diversidade. Visitamos a sala de aula do terceiro ano para verificar os conhecimentos prévios dos alunos. Na ocasião, foi impactante o fato de que um aluno não prestava atenção no que era exposto, disperso seguia em seu mundo particular. Ao verificar a presença da intérprete de libras, o cumprimentamos na língua brasileira de sinais. Era perceptível em seus olhos que ele não acreditava no que via. Seu mundo já não era tão particular. Alguns alunos também fizeram uso de libras para nos comunicarmos. Conversamos com os alunos e, na medida do possível, também em libras. Ganhamos a turma? Não. Ganhamos o lindo sorriso de um aluno que percebia já não serem somente ele e a intérprete, em seu mundo. Descortinava-se, assim, uma série de possibilidades.

Um outro aluno permanecia quieto, seria esse o aluno com TDAH? Por mais que a conversa com a turma fluísse, havia essa dispersão. Informamos sobre as atividades que pretendíamos realizar: conhecer as histórias dos parentes, conversar com os avós, conhecer mais sobre a Amazônia, os animais de antigamente, os animais da atualidade, saber sobre os índios, sobre os negros, os seringueiros e os outros povos que vieram para cá. Nesse momento percebemos que a atenção da turma se voltava para esse novo mundo. Todos estavam ansiosos por esse projeto a ser desenvolvido.

Quanto ao letramento propriamente dito, percebemos que dois terços da sala estavam no nível de aprendizagem adequado para a série. Contudo, ao fazer menção às origens dos ancestrais, ficou perceptível a vergonha de alguns alunos afrodescendentes em se reconhecerem negros, outros, com dificuldades em reconhecerem seus traços indígenas ou de se assumirem descendentes dos povos ancestrais do Acre, bem como brincadeiras pejorativas sobre a ascendência seringueira [5].

A partir dessas observações iniciamos atividades que objetivaram sua inserção com os pares no contexto da sala de aula. Para resolver esses problemas tivemos como meta desenvolver um trabalho incluindo a realidade que esses alunos vivenciam, desenvolvendo conteúdos e atividades que pudessem contemplar e possibilitar que esses comportamentos fossem resolvidos, ainda que em parte.

As atividades foram desenvolvidas em cinco ambientes distintos: a sala de aulas, “Laboratório de Estudos Educacionais e Humanísticos Aplicados – LEEHAp”, o “Parque ambiental Chico Mendes”, o “Museu de Paleontologia da Ufac” e a “Fábrica de Manejo de

Castanhas”. O objetivo geral proposto foi compreender a si e ao outro a partir de investigações sobre as migrações e andanças populacionais na Amazônia Sul-Occidental, com a finalidade de alcançar empatia e alteridade ao perceber como essa diversidade influencia na constituição das populações do Acre.



**Figura 1** - Sistematização das ações desenvolvidas  
Fonte: Acervo particular.

O objetivo geral foi constituído de dois núcleos de aprendizagem, a saber: ter empatia pelo outro ao reconhecer as diversidades dos povos da floresta; analisar as modificações antrópicas no ambiente em que os alunos estão inseridos, bem como perceber a importância da biodiversidade da floresta; reconhecer a si e aos colegas ao pesquisar sobre os índios, negros, seringueiros e outros migrantes amazônidas.

Era hora de arregaçar as mangas e partir para a prática. Assim foram os encontros com os alunos e as aulas dinâmicas e que valorizavam o convívio com as diferenças. Três professores por vez se revezavam nas ministrações das aulas: ora português-história-pedagogia, ora cultura-pedagogia-geografia, ora educação física-português-história, contando sempre com a presença da professora de libras.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

A base teórico-metodológica do projeto que desenvolvemos está pautada nas noções de migrações e andanças populacionais de E. P. Thompson [6]; de identidades híbridas e construções das relações estabelecidas em ambientes diversos, de Stuart Hall [7] [8]; e de desafios da escrita e apagamento expressas nas significações que os homens atribuem à sua realidade, às suas práticas e a si mesmos, de Roger Chartier [5] [9].

A metodologia, do tipo qualitativo, foi implementada por meio de um abordagem teórico-aplicada, aliando a investigação científica sobre o outro e a si mesmo para que os alunos percebessem as diferenças e as convergências nas relações com os colegas. Constam entre os procedimentos da pesquisa, a realização de três etapas: estudo bibliográfico, percepção dos saberes que os alunos trazem consigo e a constituição de abordagens que proporcionassem a prática de inclusão dos colegas e respeito ao outro.

A proposta de trabalho foi explicitada pelos professores aos estudantes, retomando-se, algumas vezes, a proposta inicial a fim de que eles pudessem decidir sobre novos procedimentos no decorrer das atividades. Tivemos como base para essas relações o estudo das migrações em ambiente acreano e a construção de saberes voltados à aplicação prática no campo educacional. Quanto aos objetivos, o estudo tem caráter explicativo, aliado a uma abordagem pautada nos pressupostos da Pesquisa-Ação, de Michel Thiollent [10].

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A professora do terceiro e do quarto ano, a intérprete de libras e os professores das especialidades começamos a indagar como seriam as formulações necessárias para resolver esse mundo tão vasto que é essa turma [11]. Era perceptível o aumento da indisciplina escolar e que havia a necessidade de se tomar uma atitude para que os alunos entendessem o fato de o “ser diferente” não ser necessariamente ruim. Essa foi uma iniciativa que visou ao aprendizado de alteridade, das andanças populacionais e o conhecimento das crianças sobre como eram a vida e as vivências de seus parentes e ancestrais na Amazônia Sul-Occidental.

A proposta era simples: aprender a conviver com o outro respeitando as diferenças [12]. Como aporte ao processo de construção do conhecimento, era nítida a ideia de que as pessoas que vivem e convivem ao nosso redor vieram de localidades diferentes com seus costumes, crenças e modos de ver a vida, isso foi salutar para a escolha de estudar os povos formadores

do Estado do Acre: negros, índios, seringueiros, centro-sulistas, estrangeiros e tantos outros que migraram e produziram andanças nas terras da Amazônia Sul-Occidental.

As atividades foram realizadas na sala de aula e em aulas de campo, com base nas disciplinas de Geografia, História, Português, Ciências, Educação Física e Inglês. O trabalho foi desenvolvido em duas fases: uma no terceiro ano, com ações mais incisivas, por aproximadamente 06 meses, e outra no quarto ano, com ações pontuais, por aproximadamente 03 meses. Foram planejadas e executamos as aulas que se desenvolveram em 68 horas – vinte de planejamento e quarenta e oito de atividades em sala de aula e aula de campo. Essas atividades foram extremamente importantes tendo em vista que, a preparação em sala de aula e a ida ao local de estudo, facilitam o aprender-a-aprender, visto que o mesmo, após a teoria didática estudada em sala de aula manteve um contato com o objeto de estudo de maneira prática e direta, facilitando assim uma melhor aprendizagem.

O viés historiográfico levou os alunos a ter uma visão da espacialidade da floresta e da cidade, dos índios, dos seringueiros, dos migrantes e das pessoas que habitavam as terras amazônicas, tendo como ponto de partida a projeção do outro e de si e suas relações como instrumento de construção social que “desembocou” na construção das vivências amazônicas e, em especial, acreanas.

O viés das linguagens levou os alunos a conhecer a língua, a fala, as brincadeiras e as construções de sociabilidades desenvolvidas nas colocações dos seringais, de forma trilingue, numa interação português-inglês-libras dos bichos e das práticas amazônicas. Os vieses de ciências e educação física levaram os alunos a conhecerem a floresta, a natureza e as “brincadeiras de antigamente” estabelecidas para desenvolver interação e sociabilidades.

Juntamente com a equipe de professores planejamos as atividades que seriam desenvolvidas. Percebemos que a intervenção em ambiente de sala de aula deveria ser extensiva e duradoura, perpassando pelas habilidades e competências a serem desenvolvidas, mediante o que preceitua a Base Nacional Comum Curricular, sem perder o dinamismo nos conteúdos e na implementação dos mesmos. Assim, ao final do projeto, nossos objetivos alcançados possibilitariam a implementação das seguintes metas:

- ✓ Respeito às diferenças e às gentes que constituem o “lugar onde vivo”;
- ✓ Compreender os elementos que fazem parte do contexto da Amazônia Sul-Occidental;
- ✓ Perceber as nações indígenas que fazem parte das terras que hoje são amazônicas;

- ✓ Perceber como viviam as populações andantes e migrantes nos tempos dos seringais – negros, nordestinos, centro-sulistas e de outras nacionalidades;
- ✓ Identificar alguns dos animais que fazem parte do contexto da floresta amazônica acreana, bem como os que já foram extintos;
- ✓ Debater ideias e expressá-las por meio do texto escrito e por outras formas de comunicação;
- ✓ Ter iniciativas e autonomia na realização de trabalhos individuais e coletivos.

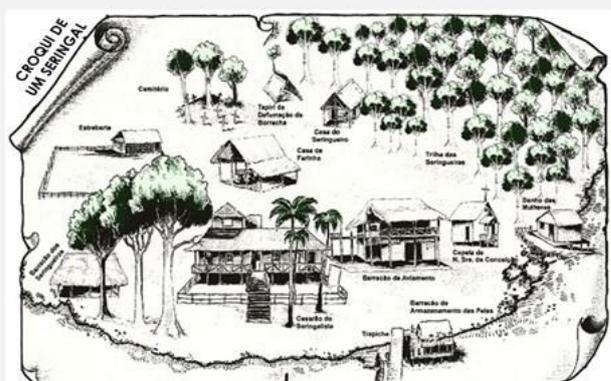
Os conteúdos foram subdivididos em cinco eixos: a) o ambiente dos seringais e a vida das populações seringueiras, negras, indígenas e andanças na floresta Amazônica; b) os animais da floresta amazônica do presente e do passado; c) andanças e fluxos migratórios indígenas, afro-brasileiros e europeus na Amazônia; d) linguagens, fala e brincadeiras dos povos da floresta; e) a história das terras e das gentes migrantes e andantes no espaço constituído.

Figura 2: Excerto do material que compôs as oficinas sobre “Ambiente amazônico e a vida na floresta”



Fonte: Acervo particular.

Figura 4: Croqui da Área do Museu Vila Paraíso - AM



Fonte: <<http://museusdoamazonas.blogspot.com/2011/05/museu-do-seringal-vila-paraiso.html>>. Acesso em 12 mar. 2016.

Figura 3: Nações Indígenas do Acre. Excerto que compôs as oficinas sobre “Ambiente amazônico e a vida na floresta”



Fonte: Acervo particular.

Figura 5: Excerto do material que compôs as oficinas sobre “Ambiente amazônico e a vida na floresta”



Fonte: Acervo particular.

Para o desenvolvimento dos conteúdos propostos formulamos cinco etapas de trabalho:

- elaboramos um estudo com pesquisa junto aos familiares sobre a diversidade cultural na Amazônia, além de estudos em sala de aula;
- os alunos pesquisaram o fluxo migratório de suas famílias para constatar suas origens e as andanças dentro dos espaços urbanos e rurais;
- realizamos leituras, jogos, brincadeiras e danças com a temática da diversidade sociocultural e investigação transdisciplinar com a finalidade de perceber que o outro não necessariamente é melhor ou pior, apenas é diferente;
- participamos de uma aula de campo, na qual visitamos o “Museu de Paleontologia da Ufac” para nos conscientizarmos de que existia vida abundante antes da chegada dos homens na Amazônia e conhecer os animais que faziam parte deste *habitat*;
- participamos de uma aula de campo no Parque Ambiental Chico Mendes para conhecer um pouco mais sobre a fauna e a flora amazônica, conhecer a casa do seringueiro, a oca indígena, ter contato com os mitos e lendas amazônicas, além de aproveitar para praticar os jogos e brincadeiras dos negros, dos índios e dos seringueiros na área aberta do parque, vislumbrando o contato crianças-natureza.

**Figura 6** - Fotos com atividades desenvolvidas conjuntamente com os alunos.



Fonte: Acervo particular.

Os processos foram estabelecidos e atuamos em oito frentes transdisciplinares para ensinar em sala de aula. A primeira, se reporta ao “Planejamento Estratégico para ações a serem desenvolvidas”, totalizando vinte horas. Buscamos focar os fundamentos filosóficos, socioculturais e psicológicos das atividades lúdicas, garantindo aos professores, condições de análise, elaboração e execução de um programa de jogos e atividades lúdicas para infância, voltados para a temática de ações de respeito a alteridade e reconhecimento do outro, bem como sua cultura, vivências e tradições.

Segundamente, trabalhamos a “História das terras e gentes da Amazônia Sul-Occidental”, durante oito horas. Estudamos o espaço amazônico e a ocupação humana: das populações pré-colombianas; a ocupação e administração externa a partir do período colonial: a ação do Estado Nacional português e brasileiro dos séculos XVII ao XX; as nações indígenas do Acre; a região como doadora de bens naturais e seu papel nos diferentes períodos econômicos e políticos: as drogas do sertão, a borracha e os projetos de integração e desenvolvimento; as migrações do Centro-Sul do Brasil; e as migrações haitianas e senegalesas no século XXI.

Na terceira abordagem, trabalhamos o “Ambiente amazônico e a vida na floresta”, em oito horas. Vislumbramos diversos aspectos da sociedade amazônica durante o período áureo da exploração da borracha, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, além de explicar o processo de extração e beneficiamento do látex, e de mostrar como era feita a circulação desse produto até sua exportação.

Na quarta, estudamos a “Diversidades de produtos da floresta”, em oito horas. O enfoque foi dado ao extrativismo das drogas do sertão, à caça, à coleta, à pesca, às comidas típicas da região, às pinturas e aos usos de produtos da floresta.

“Linguagens, fala e brincadeiras regionais” constituíram a quinta frente de estudo, realizada durante 08 horas. Foram produzidas atividades lúdicas voltadas para a reconstituição das brincadeiras e das formas de diversão utilizadas pelas crianças amazônicas, bem como suas linguagens e seu jeito de falar. Nessa abordagem, foram trabalhados, ainda, o conhecimento e a consciência corporal, o movimento e a expressão corporal em relação ao tempo e ao espaço, vivências lúdicas visando à consciência corporal, a mímica, a dança. Enfim, priorizamos o trabalho com o corpo e o movimento.

A sexta abordagem, “Interagindo com os bichos da floresta” (Inglês/Português/Libras), durante oito horas. Buscamos conhecer os bichos amazônicos e seus nomes nessas três línguas

descobrir a floresta amazônica, desenvolver habilidades de leitura e interpretação de textos em língua inglesa, portuguesa e em libras, propiciando ao aluno a aplicação de diferentes técnicas de leitura para ampliação da compreensão de textos nos idiomas.

Os “Animais da floresta amazônica” constituíram o sétimo enfoque, dedicando-se a ele quatro horas. O foco de estudo se deu em analisar como as crianças percebem a fauna e a flora da Amazônia. Dentro do contexto específico, observamos o desenvolvimento psicológico, buscando propiciar uma compreensão dos processos envolvidos na construção do desenvolvimento intelectual e cognitivo, do socioafetivo, da representação e da linguagem, da personalidade, do conhecimento de animais e do seu *habitat*.

O oitavo processo diz respeito ao estudo dos “Fósseis de animais da Amazônia acreana”, desenvolvido em quatro horas. Buscamos estudar e compreender os fósseis de animais da Amazônia presentes no Museu de Paleontologia da Universidade Federal do Acre. Nesse momento, os alunos do terceiro ano puderam conhecer mais sobre o “Purussauro”, o crocodilo gigante de quase quatorze metros, o “Jabuti Gigante” de quase dois metros e outros animais que habitavam as terras da Amazônia-Acreana, cujos fósseis se encontram no Museu.

Nesse contexto, propiciamos suporte técnico para atuações que levassem professores e alunos a se interligarem a outras atividades produzidas por outros educadores de localidades distintas percebendo a dinâmica das migrações e andanças populacionais. A avaliação continuada se deu pela observação das práticas e interação dos alunos do Colégio de Aplicação com as práticas em sala de aula e aula de campo, buscando-se verificar a forma como os alunos se relacionam com os coleguinhas, com o contexto social e com as novas formulações de ambientação em que foram inseridos.

Dois fatos curiosos quanto à avaliação: o primeiro se deu pelo fato de todos os alunos se empenharem por fazer as atividades de linguagem proposta – ao fim do curso, todos os alunos estavam falando a Língua Brasileira de Sinais para se comunicarem com o colega surdo-mudo e uns com os outros; o segundo se deu pela avaliação e degustação das comidas típicas da Amazônia na aula de visitação ao Parque Ambiental Chico Mendes – os alunos primeiramente estranharam as comidas típicas e não queriam experimentar o lanche, contudo após a degustação, os alunos comeram, repetiram e ainda conversavam admiradamente uns com os outros sobre como a comida era diferente e boa.

## **CONCLUSÕES:**

Era preciso partir de algum ponto, e partimos da realidade educacional brasileira. Essa realidade e as vivências escolares demonstram que nas escolas as salas de aula são espaços permeados por conflitos e contradições. Por isso mesmo, podem ser espaços de transgressões, criatividade, experimentação e avaliação permanente. No ambiente escolar, precisávamos conhecer melhor as realidades singulares que, por sua vez são instáveis e heterogêneas. Era preciso reconhecer os alunos como seres ativos na construção dos saberes escolares e dos processos de aprendizagem.

Trabalhamos de forma que os alunos construam a compreensão que independente da realidade que cada um está inserido, ou trajetórias vividas, ou ainda, diferenças físicas ou culturais, o conhecimento deles é diferenciado e precisam aprender com novas estratégias para que sejam escolarizados sem desrespeitar a própria vida ou do próximo. Ao mencionar condição de igualdade, primamos por aprender direitos e deveres com estratégias sobre ética, sobre cidadania, empatia e alteridade.

Os alunos aprenderam a aprender e muito há que se fazer ainda, sistematizar conhecimentos, confirmar informações, adequar atividades e planejar estratégias são tarefas árduas do fazer docente. Mas nem tudo são flores na vivência dos professores. Algumas vezes fomos trabalhar com dor de garganta, em outras a caixa de som teimava em não funcionar. A disposição dos alunos para participar e interagir nos levaram a continuar e seguir em frente. Adaptamos materiais e, por fim, realizamos nossos sonhos.

Os materiais produzidos para essas atividades em sala de aula foram catalogados e sistematizados. Fizemos um portfólio que ansiamos publicar. Por fim, fica a ideia de que alcançamos os objetivos traçados. Aos professores ficou a impressão de que se nos unirmos, podemos vencer muitas etapas educacionais e fazer com que os processos educativos, mais que o gosto pelo estudo, propiciem novos caminhos para a superação de obstáculos e a construção de conhecimentos. Para os alunos ficou claro que o outro é diferente e que essa diferença é importante para construir um mundo com respeito à diversidade.

## REFERÊNCIAS

- [1]. LIMA, Reginâmio B.; OGANDO, L. P.; NASCIMENTO, D. S.. **Uma história do Acre em retalhos** (Orgs.).Rio Branco: Edufac, 2014.
- [2]. PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.
- [3]. GOLDSTEIN, Sam. **Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança**. São Paulo: Papirus, 1998.

- [4]. TIBA, Içami. **Quem ama educa**. 6. ed. São Paulo: Gente, 2002.
- [5]. CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre prática e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- [6]. THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- [7]. HALL, STUART. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 2016.
- [8]. HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.
- [9]. CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar. Cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)**. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira, São Paulo: Editora da UNESP, 2007.
- [10]. THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- [11]. ANDRADE, Ênio Roberto de. Indisciplinado ou hiperativo. **Nova Escola**. São Paulo, n. 132, p. 30-32, maio 2000.
- [12]. SILVA, Ana Beatriz B. **Mentes Inquietas**. Rio de Janeiro: Napads, 2003.